



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

**A TEMPORALIDADE DA MODERNIDADE TARDIA E A RELIGIÃO:
UMA RESENHA AMPLIADA DO LIVRO *ACELERAÇÃO E ALIENAÇÃO*
(*BESCHLEUNIGUNG UND ENDFREMDUNG*, 2013) DE HARTMUT ROSA**

*Late modern temporality and religion: a book review of Alienation
and Acceleration (Beschleunigung und Endfremdung, 2013) of Hartmut Rosa*

Helmut Renders¹

Resenha de: ROSA, Hartmut. *Beschleunigung und Endfremdung: Entwurf einer kritischen Theorie spätmoderner Zeitlichkeit*. Tradução do inglês de Robin Celikates. Berlin: Suhrkamp Verlag, 2013. ISBN 978-3-518-58596-2 [Tradução do título: *Aceleração e Alienação: esboço de uma teoria crítica da temporalidade da modernidade tardia*]

Introdução

Lemos o estudo de Hartmut Rosa intitulado *Aceleração e alienação: esboço de uma teoria crítica da temporalidade da modernidade tardia* em sua edição de 2013, apesar de tratar-se de uma tradução do inglês lançada em 2010 (ROSA, 2010), que, por sua vez, se baseia na sua tese de doutorado (ROSA, 2005). Em comparação com outras publicações a respeito do tempo (FLUSSER, 1962; ATTALI, 1982; GLEICK, 2000; PELBART, 1998; ELIAS, 1990/1998), Rosa desenvolve o tema sob a perspectiva da teoria crítica, em diálogo específico com Axel Honneth (1993; 1994; 2003) e Jürgen Habermas (1981; 1996), às quais ele dedica dois capítulos (ROSA, 2013, p. 78-82; p. 83-88).

¹ Graduação em Teologia pelo Seminário Teológico da Igreja Evangélica Metodista na Alemanha (Reutlingen, Baden-Württemberg, Alemanha), convalidado pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil). Doutor em Ministério (Wesley Seminary, Washington/DC, EUA) e em Ciências da Religião (UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil). Possui pós-doutorado em Ciência da Religião (UFJF, Juiz de Fora/MG, Brasil). É professor associado da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP, São Bernardo do Campo/SP, Brasil), coordenador da Editeo (Editora da Faculdade de Teologia da UMESp), editor da revista científica *Caminhando* e secretário do Centro de Estudos Wesleyanos da mesma instituição. Na universidade, é integrante da Comissão de Ética e da Comissão de Publicações. Tem experiência na área da Teologia e Ciências da Religião e concentra sua pesquisa nas linguagens da religião e suas expressões simbólicas, narrativas, rituais, doutrinários e éticas. Contato: helmut.renders@metodista.br

A obra é organizada em três partes. Na primeira, *Uma teoria de aceleração social* (p. 13-68), o autor descreve o fenômeno com foco no cotidiano das pessoas; na segunda, *A aceleração social e os variantes contemporâneos da teoria crítica* (p. 69-92), ele testa sua tese da importância da consideração da temporalidade da modernidade tardia em diálogo com Habermas e Honneth; na terceira, *Esboço de uma teoria crítica da aceleração social* (p. 93-143), ele submete os fenômenos dessa temporalidade a uma crítica funcional, normativa e ética.

Na primeira parte, o autor define a aceleração social (p. 15-20) como aceleração técnica (p. 20-21), da mudança social (p. 22-26) e do tempo de vida (p. 26-33) e os motores dessa aceleração social (p. 34-35) como a competição [motor social] (p. 35-38) e a promessa da eternidade [motor cultural] (p. 39-41). Em tudo consta um círculo de aceleração em “qual as três categorias acima chamadas [...] tenham formado um sistema de *feedback* autofortalecente que se mesmo propelia de forma ininterrupta” (p. 42). Paralelamente, articula o fenômeno da desaceleração (p. 46-47) distinguindo entre oásis de desaceleração (p. 48), desacelerações como efeito colateral disfuncional (p. 48-49), desacelerações intencionais (p. 50) – funcionais (p. 50-51) e ideológicas (p. 51-53). No próximo subcapítulo, *O outro lado da aceleração social: o engessamento estrutural e cultural* (p. 53-55), desenha o alerta de uma crescente paralisação da vida pública, apesar do tempo parecer “voar”, e no capítulo 4 argumenta por que tudo isso, de certa forma, favorece a aceleração e não a desaceleração (p. 55-58). No quinto capítulo, *Porque isso é importante? Aceleração e a transformação do nosso “estar-no-mundo”* (p. 59-67), o autor destaca como característica que o mundo moderno seja “regulado, pela força normativa silenciosa de normas temporais que nos encontram em forma de *deadlines*, agendas e limites de tempo” (p. 59).

Segundo, muda o regime de aceleração na modernidade, em geral, atrás das costas dos atores, a relação ser humano – mundo em si, isso é, a nossa relação com o próximo e com a sociedade (mundo social), com o espaço e o tempo como também com a natureza e mundo dos objetos não vivos (mundo objetivo), com, finalmente com as formas da subjetividade humana (mundo subjetivo) (p. 60).

Na segunda parte (capítulos seis a nove), o autor dialoga, em essência, com Habermas e Honneth. Do segundo Rosa empresta a ideia que uma teoria crítica sempre deve partir do “sofrimento humano real” (p. 72): “Neste sentido representam sistemas sociais que conduzem estruturalmente os sujeitos a perseguirem conceitos do bem que eles justamente dentro das condições estabelecidas por esses sistemas necessariamente não vão alcançar, um assunto importante da teoria crítica” (p. 73). Na segunda parte, o autor sublinha a importância de considerar as estruturas temporais tanto da comunicação (p. 82) como do sistema de reconhecimento e defende a reintrodução do conceito da alienação e a introdução do conceito do “mundo ressonante”.

O terceiro capítulo é o mais significativo, como o próprio autor já afirma na introdução. Nos seus quatro capítulos, distingue três *Variações de uma crítica das condições temporais*. Em *As críticas funcionais: patologia da dessincronização* (p. 99-106; capítulo 11). Esse tipo de patologia ocorre quando um ritmo engole o outro,

por exemplo, a aceleração da produtividade já não gera tempo suficiente para garantir a regeneração da natureza (p. 100). Da mesma forma, requer processos democráticos em sociedades complexas, mais e mais tempo, o que de fato levou ao primado da economia sobre a política. Rosa tem plena ciência de que esse desenvolvimento pode ser descrito como a aceleração de processos socioeconômicos e no mesmo momento de uma diminuição de um controle político, que é revelado também na crescente dificuldade de tomar decisões (p. 103). Surge, pois, uma questão: como se toma uma decisão quando a sua suposta validade é cada dia mais curta? Outro lado da mesma medalha é a crescente noção de instabilidade (p. 105); tudo parece conter data de validade potencialmente vencida. Em *A crítica normativa: uma desmascaração crítico-ideológica das normas sociais da temporalidade* (p. 107-112; capítulo 12), Rosa critica o fenômeno da crescente regulamentação (p. 109) dos processos de aceleração, que, por sua vez, deixam menos e menos espaço até mesmo para inovação. Sem o tempo necessário para renovação, seguem *burnout* e depressão como doenças da época. Além disso, afirma que “as normas temporais se distinguem em um ponto fundamental das normas morais, políticas e religiosas em vigor em outras culturas e outros tempos”: elas são vistas como naturais – o tempo pertence ao ciclo da natureza e do cosmo, ou seja, o indivíduo se submete ao seu regime sem noção que seja resultado de trabalho cultural (p. 111). Seguem os capítulos 13 e 14 que tratam de dois tipos de crítica ética: *A crítica ética um: a promessa não cumprida da modernidade* (p. 113-121) e *A crítica ética dois: uma nova definição da alienação: por que aceleração social leva à alienação* (p. 122-144). Nessa moldura, pensa o autor na promessa da autonomia que não somente não se realizou (p. 113), mas, pela crescente aceleração do tempo, que se tornou definitivamente impossível. “A aceleração social é mais potente do que o projeto da modernidade” (p. 117). Depois descreve detalhadamente como os processos da aceleração das mudanças sociais e do ritmo da vida levam à alienação do espaço (p. 123-125), das coisas (p. 125-128), das próprias ações (p. 129-135), do tempo (136-140), de si mesmo e à alienação social (p. 141). Em suas *Reflexões finais*, alerta ainda que “todas as tentativas de superar a alienação de forma política e cultural leva a formas totalitaristas da filosofia, da cultura e da política e para estruturas de personalidades autoritárias” (p. 145). Em resposta a tal aspecto, sugere a tentativa da superação parcial da alienação ou de “momentos de experiência humano não alienada” (p. 10).

A religião e o fenômeno da aceleração do tempo

As religiões aparecem diversas vezes no texto. Nas reflexões finais consta “que houve até agora na história duas grandes formas ou sistemas que tentaram estabelecer a responsividade para com o mundo: a religião, que permite um ou mais deuses responsivos ‘lá fora’, e a arte” (p. 147). Muitas outras poderiam ser feitas:

A ideia de “momentos de experiência humana não alienada” favorece a êxtase como experiência religiosa padrão, sendo essa experiência uma superação momentânea do distanciamento entre Deus e o ser humano.

A perda do significado do espaço e a criação de tantos “não lugares” sem valor emotivo também podem ser observadas em relação ao espaço “sagrado” das igrejas.

A noção do presente breve, inclusive onde o passado não vale mais e a inovação tem sempre a data de vencimento e as tradições e as utopias não tem mais lugar (quanto à relação entre as duas, veja MARQUARD, 2003 e MESTERS). Enquanto a pré-modernidade se construiu, basicamente, no saber do passado, e a modernidade nas propostas do futuro, a pós-modernidade está focada no presente, descartando as tradições como as utopias. Uma religião que se constrói a partir da memória de um Deus libertador e no horizonte do reino de Deus deve chamar a atenção.

A aceleração do tempo e a diminuição da validade das coisas no presente também justificam as mudanças das ênfases de uma religião sacramental para uma religião comportamental e, finalmente, extática. Onde as mudanças ocorrem ao longo da mudança de gerações (p. 24), a lógica sacramental de instituições milenares funciona. Quando as mudanças ocorrem de geração em geração, cada geração necessita se posicionar, se apropriar da sua fé. Já as mudanças como constante da vida cotidiana promovem uma religião eclética, de consumo e de intensificação temporal e qualificativa.

Também é possível observar na religião que a estética se sobrepõe ao argumento (p. 71) e que a sensação de ficar atrás – por exemplo, em debates sobre o crescimento de instituições religiosas – causa sentimentos de culpa individual (p. 83).

É interessante sublinhar a ideia que os fundamentalismos da vida podem ser lidos como tentativa de desaceleração (p. 87), que na religião se expressa como “antimoderno”.

Um aspecto para reflexão é o conceito de que a pós-modernidade possa “engolir” a modernidade como uma forma de religião da modernidade. Essa tese aparece, de outra forma, em Bittencourt Filho (2003).

A partir de certa velocidade, a aceleração acaba por criar novas formas de alienação (p. 117). Isso certamente vale para as igrejas históricas.

A substituição da experiência pela inovação que sempre muda sem força de sedimentação também pode ser observada no campo religioso, de modo particular na passagem de uma religião ética para uma religião estética ou do espetáculo.

As únicas experiências religiosas plenas de curto prazo são emocionais e favorecem o êxtase, como, por exemplo, o batismo no Espírito Santo com suas experiências mais indicadas. Contudo, podemos refletir se é o recorte de episódios ou experiências.

Considerações finais

O fenômeno da aceleração do tempo, especialmente quanto às mudanças sociais e ao ritmo de vida, ainda não foi suficientemente considerado nos estudos da religião. Rosa apresenta uma análise rica em detalhes do cotidiano, com um número significativo de aspectos relevantes para o campo da religião e para a experiência religiosa. Com efeito, tal abordagem poderá contribuir para a religião encontrar novas vias na modernidade tardia. Recomendo a leitura do texto e o estudo do tema.

Referências

- ATTALI, Jacques. *Histoires du temps*. Fayard: Paris, 1982.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Koinonia, 2003. 260 p.
- DUQUE, Eduardo. “Contributos para a compreensão da aceleração do tempo”. In: ARAÚJO, Emília; DUQUE, Eduardo (Eds.). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo*. Um debate para as ciências sociais e humanas. Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais, 2012. p. 117-127. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23976/1/Acelera%C3%A7%C3%A3o%20do%20tempo.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *Time: an essay*. Trad. Edmund Jephcott. Blackwell, 1990.
- FLUSSER, Vilém. *Do tempo e como ele acabará*. São Paulo: OESP - Suplemento Literário, 1962.
- GLEICK, James. *A velocidade da vida moderna: acelerado o desafio de lidar com o tempo*. Rio de Janeiro. Campus, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Theorie des kommunikativen Handelns*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1981. 2 v. [Tradução do título: Teoria da ação comunicativa].
- HONETH, Axel. *Kampf um Anerkennung: zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*. Frankfurt am Main: Suhrkamp: 1993. [Tradução do título: a luta pelo reconhecimento: a respeito da gramática moral de conflitos sociais].
- _____. Pathologien des Sozialen. Tradition und Aktualität der Sozialphilosophie. In: _____. *Pathologien des Sozialen: die Aufgaben der Sozialphilosophie*. Frankfurt am Main: Fischer, 1994. [Tradução do título: Patologias do social: tradição e atualidade da filosofia social. In: *Patologias do social: as tarefas da filosofia social*].
- _____. Pathologien der Vernunft: Geschichte und Gegenwart der kritischen Theorie. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 2007. [Tradução do título: *Patologias da razão: história e contemporaneidade da teoria crítica*].
- MARQUARD, O. *Zukunft braucht Herkunft*. Philosophische Essays. Stuttgart: Reclam, 2003. [Tradução do título: *O futuro necessita da origem: escritos filosóficos*].
- MESTERS, Carlos. *Paraíso terrestre: “saudade” ou “esperança”?* Petrópolis: Vozes, 1971.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ROSA, Hartmut. *Alienation and acceleration: towards a critical theory of late-modern temporality*. NSU Press, 2010.
- _____. *Beschleunigung und Entfremdung*. Berlin: Suhrkamp, 2013.
- _____. *Beschleunigung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2005.
- _____. *Weltbeziehungen im Zeitalter der Beschleunigung*. Berlin: Suhrkamp, 2012.